

## UMA TRADUÇÃO DE “MAMMON AND THE ARCHER”, DE O. HENRY

### *A TRANSLATION OF O. HENRY’S “MAMMON AND THE ARCHER”*



Traduzido por<sup>1</sup>

Joris Bianca da SILVA  
Estudante

Universidade Federal de Pelotas  
Centro de Letras e Comunicação  
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil  
lattes.cnpq.br/3588691370890922  
orcid.org/0000-0002-7049-1314  
jorisbiancasilva@gmail.com

Juliana STEIL  
Professora

Universidade Federal de Pelotas  
Centro de Letras e Comunicação  
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil  
lattes.cnpq.br/5586916987453183  
orcid.org/0000-0002-7336-0299  
julianasteil@gmail.com

Roberta Rego RODRIGUES  
Professora

Universidade Federal de Pelotas  
Centro de Letras e Comunicação  
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil  
lattes.cnpq.br/6281175549996840  
orcid.org/0000-0002-1580-1789  
roberta.rego@ufpel.edu.br

**Resumo:** Este artigo apresenta uma tradução do conto “Mammon and the Archer”, de O. Henry. Ambientado na Era Dourada estadunidense, o conto foi publicado originalmente no jornal *New York World* e, mais tarde, em 1906, na aclamada coletânea *The Four Million* (Sianturi, 2023; Galens, 2003). Em “Mammon and the Archer”, o empresário Anthony Rockwall – detentor de grande riqueza, mas sem berço aristocrático – está disposto a provar ao filho Richard que o dinheiro é uma ferramenta capaz de alcançar praticamente tudo. Richard, embora tenha relações com a alta sociedade, não consegue declarar seu amor à Srta. Lantry, moça da elite, temendo ser rejeitado por não pertencer a tal círculo social exclusivo. A Srta. Lantry está prestes a partir para Europa, e Richard tenta obter tempo para conquistar a mão da moça. Além da sofisticada técnica literária, a narrativa apresenta, como observa Sianturi (2023), uma complexa interação entre capitais culturais, sociais e econômicos.

**Palavras-chave:** Tradução literária. William Sydney Porter. *The Four Million*. Era Dourada estadunidense. Narrativas de Nova York.

**Abstract:** This article presents a translation of O. Henry’s short story “Mammon and the Archer”. The short story, set in the Gilded Age, was originally published in the newspaper *New York World*, and then in the acclaimed collection *The Four Million* in 1906 (Sianturi, 2023; Galens, 2003). In the short story, the nouveau-riche entrepreneur Anthony Rockwall is willing to prove his son that money is a tool capable of reaching almost everything. Although Richard frequents high society, he cannot declare his love to elite girl Miss Lantry, fearing to be rejected for not belonging to this exclusive social circle. Miss Lantry is about to leave to Europe, and Richard tries hastily to get her engaged to him. Besides the literary sophisticated technique, the narrative, as Sianturi (2023) observes, presents a complex interplay between economic, social and cultural capitals.

**Keywords:** Literary translation. William Sydney Porter. *The Four Million*. *Gilded Age*. *New York Narratives*.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the *Creative Commons Attribution License*, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

---

**W**illiam Sydney Porter (1862-1910), mais conhecido por seu pseudônimo O. Henry, teve uma vida breve, porém movimentada. Antes de dedicar-se ao jornalismo, O. Henry foi farmacêutico; também trabalhou como bancário durante um período, quando foi acusado de fraude, pela qual foi sentenciado a três anos de prisão (Penguin Books, 2025). Depois de libertado, O. Henry morou brevemente em Pittsburgh, Pensilvânia, e logo estabeleceu residência definitiva na cidade de Nova York (Trombley, 2021). Alcançou grande popularidade em sua produtiva carreira como escritor, sendo considerado, já à época de seu falecimento, um dos melhores contistas dos Estados Unidos (*The New York Times*, 1910).

O. Henry escreveu centenas de contos. Entre suas coletâneas do gênero estão *Cabbages and Kings* (1904), *The Four Million* (1906), *Heart of the West* (1907) e *The Gentle Grafter* (1908) (Trombley, 2021). Com frequência, seus contos apresentam recursos de humor, bem como desfechos inesperados, sua marca registrada (Sianturi, 2023). Ambientado na Era Dourada estadunidense, “Mammon and the Archer” (Henry, 2021), conto abordado neste trabalho, foi publicado originalmente no jornal *New York World* e, mais tarde, em 1906, na aclamada coletânea *The Four Million* (Sianturi, 2023; Galens, 2003). Conforme Galens (2003) faz lembrar, a coletânea é uma reação ao comentário feito em 1892 por Ward McAllister, célebre autoridade social da elite nova-iorquina, de que havia em torno de quatrocentas pessoas de importância em Nova York – O. Henry faz questão de dedicar sua atenção à população total da cidade na época, por volta de quatro milhões. Em “Mammon and the Archer”, o empresário Anthony Rockwall – detentor de grande riqueza, mas sem berço aristocrático – está disposto a provar ao filho Richard que o dinheiro é uma ferramenta capaz de alcançar praticamente tudo. Richard, embora tenha relações com a alta sociedade, não consegue declarar seu amor à Srta. Lantry, moça da elite, temendo ser rejeitado por não pertencer a tal círculo social exclusivo. A Srta. Lantry está prestes a partir para Europa, e Anthony tenta ajudar Richard a obter tempo para conquistar a mão da moça. Além da sofisticada técnica literária, a narrativa apresenta, como observa Sianturi (2023), uma complexa interação entre capitais culturais, sociais e econômicos.

“Mammon and the Archer” já foi traduzido por Alzira Machado Kawall e José Paulo Paes (Henry, 1964) e foi objeto do trabalho de tradução comentada de Simone S. G. C. Fails (2013), o que contribui para confirmá-lo como um importante exemplar da contística de O. Henry.

---

## MAMON E O ARQUEIRO

O. Henry

Tradução de Joris Bianca da Silva

O velho Anthony Rockwall, fabricante aposentado e proprietário da *Rockwall's Eureka Soap*, olhou pela janela da biblioteca de sua mansão na Quinta Avenida e sorriu. O vizinho que morava à direita — o aristocrata frequentador de clubes G. Van Schuylicht Suffolk-Jones, — saiu em direção a seu automóvel, que o aguardava; torceu o nariz com desdém, como de costume, para a estátua renascentista italiana que se encontrava na fachada principal do palácio do sabonete.

“Estatuazinha velha inútil!”, comentou o ex-Rei do Sabonete. “O Museu do Éden ainda vai acabar ficando com esse Nesserolde velho e imóvel se ele não se cuidar. Vou pintar esta casa de vermelho, branco e azul no próximo verão para ver se esse nariz holandês dele fica mais empinado ainda”.

E então Anthony Rockwall, que nunca deu importância a sinetas, foi até a porta da biblioteca e gritou “Mike”, usando a mesma voz com que, certa feita, estilhaçara o firmamento nas pradarias do Kansas.

“Diga a meu filho que venha aqui antes de sair”, disse ao mordomo.

Quando o jovem Rockwall entrou na biblioteca, o velho colocou o jornal de lado, olhou para ele com uma seriedade afável no rosto grande, macio e corado, desgrenhou a cabeleira grisalha com uma mão e, com a outra, chacoalhou as chaves que estavam no bolso.

“Richard”, disse Anthony Rockwall, “quanto custa o sabonete que você usa?”

Richard, que voltara da faculdade havia apenas seis meses, teve um leve sobressalto. Ainda não compreendera a fundo aquele seu genitor, que era tão cheio de mistérios e caprichos quanto uma moça em seu primeiro baile.

“Seis dólares por uma dúzia, acho, papai.”

“E as suas roupas?”

“Por via de regra, creio que uns sessenta dólares.”

“Você é um cavalheiro”, disse Anthony de forma incisiva. “Ouvi falar de uns mancebos gastando 24 dólares em uma dúzia de sabonetes e mais de 100 dólares em roupas. Você tem tanto dinheiro para desperdiçar quanto eles, mas prefere limitar-se ao que é razoável e moderado. Agora estou usando o velho Eureka; não apenas por apego, mas por ser o sabonete

---

mais puro já produzido. Sempre que se pagam mais de 10 centavos por uma barra de sabonete, está se pagando por fragrâncias ruins e nome de marca. Mas 50 centavos estão mais que bons para um jovem homem de sua geração, posição e condição. Como disse, é um cavalheiro. Dizem que se levam três gerações para criar um. Ledo engano. Com dinheiro, a coisa desliza que é uma beleza, como se o sebo do sabonete servisse de lubrificante. Foi assim com você. Minha nossa! O dinheiro quase me tornou um. Eu sou quase tão rude, desagradável e grosseiro quanto esses dois cidadãos *knickerbockers*<sup>2</sup> que são meus vizinhos e perdem o sono porque comprei a propriedade situada entre as deles.

“Há coisas que o dinheiro não consegue comprar”, observou o jovem Rockwall soturnamente.

“Mas não diga isso”, disse o velho Anthony chocado. “Aposto meu dinheiro no dinheiro sempre. Já percorri a enciclopédia até a letra Y procurando algo que não se possa comprar com ele; e espero chegar até o apêndice semana que vem. Aposto no dinheiro contra tudo e contra todos. Diga-me algo que ele não compre.”

4

“Mas, por um lado”, respondeu Richard meio amargurado, “não compra um lugar dentro dos círculos exclusivos da sociedade.”

“Oras bolas! Não compra?”, retorquiu o defensor da raiz do mal. “Diga-me: onde estariam esses círculos exclusivos se o primeiro Astor não houvesse tido dinheiro para abrir caminho para ele?”

Richard suspirou.

“Era sobre isso que queria falar”, disse o velho, de forma menos intempestiva. Foi por isso que lhe pedi para vir aqui. Há algo de errado com você, rapaz. Já venho notando há duas semanas. Desembuche. Creio que conseguiria levantar 11 milhões dentro de 24 horas, sem contar os imóveis. Se for o seu figado, o *Rambler* está ancorado na baía, abastecido com carvão e pronto para zarpar para as Bahamas em dois dias.”

“Não foi um mau palpite, pai; errou por pouco.”

“Ah”, disse Anthony astutamente. “Qual o nome dela?”

Richard começou a andar de um lado para o outro na biblioteca. Havia companheirismo e empatia suficientes no velho pai, que era tão rústico, para conquistar sua confiança.

“Por que não pede a mão dela?”, perguntou o velho. “Ela vai pular no seu colo. Você tem dinheiro e boa aparência, além de ser um bom rapaz. Suas mãos estão limpas. Não há sabonete Eureka nelas. Você fez faculdade, mas ela vai ignorar isso.”

“Não tive oportunidade”, disse Richard.

---

“Pois crie uma. Leve a moça para passear no parque, para dar uma voltinha de charrete ou acompanhe ela até em casa após a missa. Oportunidade! Tá-dá!”

“Você não conhece a máquina social, papai. Ela faz parte das engrenagens que a movem. Cada hora e cada minuto dela são planejados com dias de antecedência. Tenho que conquistar essa moça, pai, ou esta cidade será para sempre um pântano sombrio. E não consigo escrever, não consigo tomar iniciativa.”

“Tá! Tá! Então você está me dizendo que todo o dinheiro que lhe dei não consegue obter uma ou duas horas dessa donzela para você?”

“Posterguei demais. Ela zarpará para a Europa ao meio-dia depois de amanhã e ficará dois anos lá. Devo vê-la amanhã à noite por alguns minutos. Está em Larchmont agora, na casa da tia. Não posso ir lá. Mas posso ir encontrá-la com um cabriolé na Estação Central amanhã à noite, no trem das 08h30. Seguiremos a galope pela rua Broadway até chegar ao teatro Wallack, onde a mãe dela e um grupo de camarote estarão nos aguardando no saguão. Acha que ela ouviria uma declaração minha em seis ou oito minutos nessas circunstâncias? Não. E que oportunidade eu teria no teatro ou depois? Nenhuma. Não, papai. Esse é um abacaxi que seu dinheiro não consegue descascar. Não podemos comprar tempo com dinheiro; se pudéssemos, os ricos viveriam mais. Não tenho esperança de ter uma conversa com a Srta. Lantry antes de ela partir.”

“Está bem, Richard, meu garoto”, disse o velho Anthony alegremente. “Pode ir para o seu clube agora. Fico feliz que não seja o seu fígado. Mas não se esqueça de queimar alguns incensos no templo do grande deus Mazuma de vez em quando. Você disse que dinheiro não compra tempo? Bom, é claro que não pode encomendar a eternidade dentro de uma caixa para que seja entregue em seu endereço, mas já vi o Pai Tempo ficar com uns ferimentos bem feios nos calcanhares provocados pelas pedras quando ele atravessou os garimpos a pé.”

Naquela noite, tia Ellen, delicada, sentimental, enrugada, suspirante, oprimida pela riqueza, aproximou-se do irmão Anthony quando este lia seu jornal vespertino e começou a discursar sobre as agruras do amor.

“Ele me contou tudo”, disse o irmão Anthony bocejando. “Disse-lhe que minha conta bancária estava à disposição. E ele começou a menosprezar o dinheiro. Disse que não poderia ajudar. Que as regras da sociedade não se moveriam nem um metro com algumas dezenas de milhões de dólares.”

“Ah, Anthony”, suspirou tia Ellen. “Queria que você não pensasse tanto em dinheiro. A riqueza nada é onde há um afeto genuíno. O amor é onipotente. Se ao menos ele tivesse

---

falado antes! Ela não poderia ter rejeitado nosso Richard. Mas agora temo ser tarde demais. Ele não terá oportunidade de abordá-la. Todo o seu ouro não é capaz de trazer felicidade a seu filho.”

Às 08h00 da noite seguinte, tia Ellen pegou um mimoso anel de ouro de um estojo roído por traças e o entregou a Richard.

“Use-o hoje à noite, sobrinho”, implorou. “Sua mãe quem me deu. Eis o que traz: sorte no amor. Que desse a ti, a mim pediu, ao achar quem lhe arrebatou.”

O jovem Rockwell pegou o anel com reverência e o provou no menor dedo. Ele entrou até a segunda junta e parou. Retirou-o e o colocou no bolso do terno, à maneira de um homem. Depois chamou o cabriolé.

Na estação, identificou a Srta. Lantry às 8h32 em meio à multidão agitada.

“Não podemos deixar mamãe e os outros esperando”, ela disse.

“Siga para o Teatro de Wallack o mais rápido que conseguir”, disse Richard diligentemente.

Dispararam pela 42<sup>a</sup> até a Broadway, depois percorreram a via estrelada que vai dos delicados prados do crepúsculo até as montanhas rochosas da manhã.

6

Na 34<sup>a</sup>, o jovem Richard de repente levantou a cobertura do cabriolé e ordenou que o cocheiro parasse.

“Deixei cair um anel”, desculpou-se enquanto descia. “Era da minha mãe, e eu detestaria perdê-lo. Não vou atrasá-lo nem um minuto; eu vi onde caiu.”

Em menos de um minuto estava de volta ao cabriolé com o anel.

Porém, dentro daquele minuto, o bonde municipal havia parado bem em frente ao veículo deles. O cocheiro tentou passar pela esquerda, mas um pesado carro de carga o cortou. Tentou pela direita e teve que desviar de uma carroça transportando móveis que não tinha nada que estar ali. Tentou ir a ré, mas soltou as rédeas e praguejou com vontade. Ficou preso em meio a um nó de veículos e cavalos.

Formou-se repentinamente um daqueles congestionamentos que às vezes travam todo o comércio e o movimento de uma grande cidade.

“Por que não segue em frente?”, disse a Srta. Lantry impacientemente. “Vamos nos atrasar.”

Richard ficou de pé no cabriolé e olhou ao redor. Viu um congestionamento de carroças, caminhões, cabriolés, furgões e bondes tomando o vasto espaço onde a rua Broadway, a Sexta Avenida e a rua 34 se cruzam, como se fosse uma moça usando um espartilho muito menor

---

que a sua cintura. Ainda assim, de todas as ruas transversais vinham apressados, chegando ruidosamente ao ponto de convergência em velocidade máxima, lançando-se à massa caótica, com as rodas se chocando e os impropérios de seus condutores se somando ao alarido. Parecia que todo o trânsito de Manhattan havia dado um nó ao redor deles. Nem o mais velho novi-iorquino entre os milhares presentes naquelas calçadas presenciara um congestionamento de tamanha proporção.

“Sinto muitíssimo”, disse Richard, voltando a seu assento, “mas parece que estamos presos. Não vão conseguir liberar esse emaranhado em uma hora. Foi minha culpa. Se não tivesse deixado cair o anel, nós...”

“Deixe-me ver o anel”, disse a Srta. Lantry. “Já que não há mais jeito, pouco me importa. Acho teatros uma idiotice mesmo.”

Às 11 horas daquela noite, alguém deu uma batidinha na porta de Anthony Rockwall.

“Entre”, gritou o homem, que estava de robe vermelho lendo um livro de aventuras piratescas.

Era tia Ellen, parecendo um anjo grisalho que fora deixado na terra por engano.

“Estão noivos, Anthony”, disse com ternura. “Ela prometeu casar-se com nosso Richard. No caminho para o teatro, houve um congestionamento, e levou duas horas até que o cabriolé conseguisse seguir viagem.

E, ah, irmão Anthony, nunca mais torne a alardear o poder do dinheiro. Um belo exemplo de amor verdadeiro. Foi um anelzinho que simbolizava um afeto inesgotável e desprendido que levou nosso Richard a encontrar a felicidade. Ele o deixou cair e desceu para recuperá-lo. E, antes de conseguirem prosseguir, formou-se o congestionamento. Ele falou com seu amor e a conquistou enquanto o cabriolé estava preso no trânsito. O dinheiro é lixo comparado ao amor genuíno, Anthony.”

“Está bem”, disse o velho Anthony. “Estou feliz que o rapaz tenha conseguido o que queria. Disse-lhe que não economizaria nada se...”

“Mas, irmão Anthony, de que adiantou seu dinheiro?”

“Irmã”, respondeu Anthony Rockwall. “Meu pirata está metido em uma enrascada dos diabos. Acabou-se de se formar um rombo no casco do navio, e ele sabe muito bem o valor do dinheiro para deixá-lo afundar. Gostaria que me deixasse continuar este capítulo.”

A história deveria acabar por aqui. Gostaria que terminasse com tanta sinceridade quanto você que lê gostaria. Mas temos que ir até o fundo para descobrir a verdade.

---

No dia seguinte, uma pessoa de mãos avermelhadas e gravata borboleta azul de bolinhas, que se chamava Kelly, chamou na casa de Anthony Rockwall e foi recebida diretamente na biblioteca.

“Bom”, disse Anthony, levando a mão ao talão de cheque, “isso custou muitos sabonetes. Deixe-me ver... Você estava com \$5.000 em dinheiro vivo.”

“Paguei mais \$300 do meu próprio bolso”, disse Kelly. “Tive que estourar um pouco o orçamento. Consegui os carros expressos e os cabriolés por uns \$5; mas os caminhões e os pares de cavalos chegaram a \$10. Os motorneiros quiseram \$10; e alguns dos freteiros, \$20. Os policiais foram os que mais meteram a mão: com \$50, paguei dois; e os outros, \$20 e \$25. Mas não foi um sucesso espetacular, Sr. Rockwall? Fico contente que William A. Brady não estivesse no meio daquela encenação veicular ao ar livre. Não queria que ficasse entristecido de inveja. E nem sequer houve ensaio! A pontualidade dos rapazes ficou na casa da fração de segundo. Foi duas horas antes que uma cobra conseguisse enfiar-se sob a estátua de Greeley.”

“Mil e trezentos. Está aqui, Kelly”, disse Anthony, arrancando uma folha de cheque. “Seus mil mais os \$300 que bancou. Você não despreza o dinheiro, não é, Kelly?”

8 “Eu?”, disse Kelly. “Seria capaz de espancar o homem que inventou a pobreza.”

Anthony chamou Kelly quando ele estava na porta.

“Você não notou em algum lugar no meio do congestionamento um menino rechonchudinho pelado atirando flechas com um arco, notou?”

“Não, ué”, disse Kelly intrigado. Não notei. Se ele estava mesmo do jeito como você disse, os guardas devem ter pegado o moleque antes de eu chegar.”

“Achei que aquele patifezinho não serviria para nada mesmo”, comentou Anthony, rindo. “Adeus, Kelly.”

## REFERÊNCIAS

Fails, S. S. G. C. (2013). *Algumas teorias da tradução e suas implicações na tradução do conto “Mammon and the Archer” de O. Henry* (Dissertação de mestrado). Brigham Young University.

Galens, D. (Ed.). (2016). *A study guide for William Sydney Porter’s “Mammon and the Archer”* (Short Stories for Students). Gale Cengage Learning.

Henry, O. (1964). *Histórias de O. Henry* (J. P. Paes, Seleção e prefácio; Tradução de A. M. Kawall & J. P. Paes). Cultrix.

---

Henry, O. (2001). *The Four Million* [e-book]. Project Gutenberg. Disponível em <https://www.gutenberg.org/files/2776/2776-h/2776-h.htm>

O. Henry writer dies in a hospital; Ill so brief a time that his wife could not reach his bedside. (1910, 6 de junho). *The New York Times*. Disponível em <https://www.nytimes.com/1910/06/06/archives/o-henry-writer-dies-in-a-hospital-ill-so-brief-a-time-that-his-wife.html>

Penguin Books Ltd. (2025). *O. Henry*. In *Penguin.co.uk*. Disponível em <https://www.penguin.co.uk/authors/15925/o-henry>

Sianturi, B. (2023). Bordieuan reading on O. Henry's "Mammon and the Archer". *Prologue: Journal on Language and Literature*, 9(2), 211–222. <https://doi.org/10.36277/jurnalprologue.v9i2.137>

Trombley, S. (Comp.), O. Henry Museum, & Austin History Center. (2021). *O. Henry (William Sydney Porter) resource guide*. Austin History Center, Austin Public Library. Disponível em <https://library.austintexas.gov/library/2022-04/ohenry-resource-guide.pdf>

---

<sup>1</sup> Tradução de "Mammon and the Archer" realizada por Joris Bianca da Silva, com revisão de Roberta Rego Rodrigues e Juliana Steil. Texto de introdução, resumo e *abstract* de autoria de Juliana Steil e Roberta Rego Rodrigues.

<sup>2</sup> O termo *knickerbocker* refere-se aos moradores de Nova York, considerados a elite, descendentes de aristocratas colonizadores. (N. T.)